

Como Encontrar um “Gueto Gay”: possibilidades analíticas de uma expressão controversa

Cómo Encontrar un “Gueto Gay”: posibilidades de análisis de una expresión polémica

How to Find a “Gay Ghetto”: analytical possibilities of a controversial expression

Bruno Puccinelli

Resumo: este artigo visa discutir as contribuições e controvérsias acerca da ideia de “gueto gay”, haja vista ser discutível tal expressão, embora amplamente utilizada em trabalhos de diversas áreas disciplinares. Neste sentido, pretende-se analisar os termos de forma crítica, considerando-se a questão da sexualidade em relação ao espaço urbano na teoria social.

Palavras-chave: gueto, controvérsias, sexualidade.

Resumen: este artículo pretende discutir las contribuciones y controversias sobre la idea de “gueto gay”, se considera que tal expresión es discutible aunque sea utilizada en muchas ocasiones y en diversos temas. En este sentido, se pretende analizar los términos desde un punto de vista crítico, se toma en consideración el tema de la sexualidad y su relación con el espacio urbano en la teoría social.

Palabras clave: gueto, controversias, sexualidad.

Abstract: this paper discusses the contributions and controversies about the idea of a “gay ghetto”, given the fact that the expression is controversial in spite of being widely used in studies of several knowledge fields. The expression was critically analyzed by considering the issue of sexuality in relation to urban space from the perspective of the social theory.

Keywords: ghetto, controversies, sexuality.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa trazer à tona uma expressão, conceitual ou descritiva, que, de tempos em tempos, surge em pesquisas que versam sobre

¹ Irei utilizar a expressão em aspas para destacá-la no texto devido às diferentes formas como é utilizada em meu campo de pesquisa, seja por interlocutores ou pela bibliografia. Como não há um consenso prefiro não utilizar formas de diferenciação entre esses dois níveis neste artigo.

² Utilizo o termo gay ciente de que este não encerra o entendimento que se pode ter sobre a(s) homossexualidade(s) masculina(s). Gay comumente encerra uma ideia de homem branco, com poder aquisitivo razoável, menos depreciativa em comparação com outros termos, como bicha, viado, etc. Aproximo-me do debate proposto por Carrara & Simões (2005). Com relação à ideia de gueto compartilho da proposta analítica de Wacquant (2004) por sua intensão de precisar o termo.

³ LGBT é a sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais e travestis e transexuais dentro do movimento social de defesa dos direitos destes grupos (sobre a atual utilização da sigla ver Brandão, 2008). Apesar de anterior à definição da atual conformação da sigla, o trabalho de Facchini (2005) apresenta uma interessante discussão sobre o movimento LGBT em São Paulo.

espaços de sociabilidade e homossexualidade: “gueto gay”¹. Tal carga em si duas partes que indicam: 1) segregação espacial; 2) uma identidade sóciosexual. As duas partes que formam a expressão trazem problemas que dariam, cada uma, artigos em separado². No entanto, interessa-me tratá-las em conjunto, formando um termo muitas vezes usado como conceito analítico, a fim de contribuir para um debate mais extenso que pense a produção do espaço em consonância com a produção de sexualidades. Além disso, em meu campo de pesquisa essa expressão, “gueto gay”, surgiu de diferentes maneiras entre interlocutores e atores privilegiados, militantes LGBTs³ e empresários. Como outros pesquisadores e leituras afins também fazem parte de um campo de pesquisa não posso deixar de dialogar com a bibliografia disponível que tangencie a temática, ampla e em expansão.

Pretendo fazer uma aproximação com a ideia de gueto, de utilização bastante extensa envolvendo não apenas questões de segregação espacial, mas de classe, raça, produção cultural, etc. Tal aproximação se dá por uma bibliografia selecionada que converge com muitos dos escritos sobre “gueto gay”, ou seja, são textos e autores que não estão extremamente apartados

num debate teórico, político e social mais amplo. Procederei com algumas mediações junto a escritos em contexto nacional a partir de meu campo de pesquisa e tentarei expandir o debate para outras questões. Não vou e nem pretendo dar conta de toda a bibliografia sobre o tema, isso seria um empreendimento deveras extenso, quiçá impossível; desejo apenas contribuir para o debate e, quem sabe, ajudar a propor aparas que auxiliem num entendimento mais circunscrito e criterioso de uma realidade que possa ser entendida como “gueto gay”.

1. O Gueto Bate à Porta: campo de pesquisa e significados

A ideia da existência de guetos não é nova e comumente remete a um contexto de diferenciação em grandes centros urbanos. “Gueto gay” tampouco é uma questão recente, muitas vezes referindo-se a processos bastante diversos, bem como gueto. Este, por exemplo, tangencia situações de pobreza, de grande concentração de populações negras e influi numa produção cultural dita de “periferia”⁴. É comum haver músicas de rap e hip hop que se referam a um lugar de moradia do(a) cantor(a) como gueto; tal lugar pode tanto ser caracterizado por uma uniformidade em relação a cor/raça, ou como lugar de ausência de equipamentos do estado e presença de violência em decorrência da pobreza. Ou, mais comum, tais expressões podem juntas formar a ideia de se viver num gueto. Ambas expressam uma falta de escolha e esquecimento do poder público, ou seja, a segregação é socialmente imposta.

⁴ Ver a respeito o trabalho de Aderaldo (2013).

Mas a produção cultural da periferia, ou do gueto, também demonstra como uma situação social complicada e complexa produz o tempo todo sua própria identidade e identificação com outros contextos, inclusive internacionais. Estilos de vestimenta, de músicas, de gesto podem ser observados também junto a cantores de rap e hip hop americanos, algumas das influências do movimento no Brasil; ainda assim a produção local se aproxima grandemente de expressões localizadas na década de 1970 no contexto nacional em grandes centros urbanos, traçando uma

linhagem que percorre desde o “fim” da escravidão negra, passando pela favelização dessas populações, produção religiosa, musical e artística “de dentro” desses grupos, até a cultura hip hop afro.

“Gueto gay” opera de forma diferente, com clivagens e diferenciações controversas. Diferentemente do caso acima, “gueto gay” dificilmente surge como expressão positivada da ocupação de um espaço e comumente expressa algo que desagrada a quem fala, ou seja, se existe um “gueto gay”, e nas falas com interlocutores ele existe, isso não está certo. Mas o entendimento sobre “gueto gay” é muito diverso: vai desde entender que algo, ou alguém, pretende limitar um espaço de circulação a pessoas que assim se identifiquem, a reconhecer que há espaços de ocupação exclusiva por pessoas que de alguma forma pretendem estar anônimas junto a uma sociedade mais ampla que as discriminaria. Tais espaços costumam ser sinônimos de lugares privados de diversão noturna ou sexual, frequentados por homens e com alguma proximidade em algum bloco de ruas; muitas vezes também está atrelado a alguma centralidade no espaço das cidades. Interessante como “gueto gay” ocupa o centro e invisibiliza mulheres, travestis e pessoas trans*em suas definições: são “guetos gays” esses espaços frequentados por homens gays que se tornam visíveis mais amplamente.

Durante campo de pesquisa realizado entre 2009 e 2012 a questão de um espaço marcado identitariamente por uma sexualidade foi crescendo

⁵ É importante frisar que essa análise pode sugerir uma ênfase excessiva em falas institucionais, mas é um modo de chegar até as diversas falas de outros interlocutores que se expressam de maneira semelhante. Pode também parecer privilégio a essas mesmas falas, mas tem somente a intenção de ilustrar um contexto de emergência dos termos, que não se reduz a este uso e se expande, dependendo da situação da fala.

em termos de debate público e concordância mais geral. Parte dos dados apresentados aqui encontram-se na explanação de minha dissertação, articulados a outras questões. Para os limites deste artigo irei me atentar à possibilidades conceituais e descritivas sobre os diversos usos do termo gueto e “gueto gay” partindo de um campo de pesquisa⁵. A intenção é tentar organizar tais possibilidades a fim de dar mais clareza para seus usos.

Em julho de 2008 o presidente da Associação GLS Casarão Brasil⁶, Douglas Drumond, apresentou à imprensa o projeto de lei para tornar a Frei Caneca uma rua temática oficial, no caso, uma “rua gay”. Drumond, à época, era proprietário da “maior sauna gay da América Latina”, a 269, e hoje se encontra à frente de um empreendimento semelhante, o “269 Chilli Pepper Single Hotel”⁷. Na oportunidade, uma matéria veiculada na internet, referindo-se à polêmica do projeto e trazendo à tona o debate sobre a “rua gay” de São Paulo (PRONSATO, 13/08/2008), expunha a opinião de Drumond, de Célia Marcondes, presidente da Sociedade dos Amigos e Moradores de Cerqueira César (Samorcc), e de Xande, à época presidente da Associação da Parada do Orgulhe LGBT de São Paulo (APOLGBT).

Célia Marcondes⁸ está à frente da Samorcc e por vezes surge na imprensa como mediadora de problemas vividos pelos moradores do bairro de Cerqueira César. À época ela se posicionou contrária ao projeto: “Espero que a Frei Caneca seja uma rua para todos. As ruas são públicas, são para todos. Não podem ser um gueto”. Marcondes ainda argumentou que nem todos os moradores da rua seriam gays e que os mesmos não poderiam conviver com esse estigma; também salientou a existência de crianças e idosos e da paróquia centenária como dados a serem considerados sobre o assunto. Durante uma reunião da Samorcc tanto Marcondes como outros presentes manifestaram sua

⁶ A Associação GLS Casarão Brasil foi empreendimento pessoal de seu presidente e era mantida pelos ganhos que este tinha com outros empreendimentos; atualmente a associação encerrou as atividades deixou a casa em que possuía a sede física, mas ainda existe.

⁷ A sauna “269” se localizava na Rua Bela Cintra e foi derubada para a construção de duas torres residenciais. Já o “269 Chilli Pepper Single Hotel” é um espaço misto de sauna e hotel localizado no Largo do Arouche; em entrevista sobre a localização do hotel Drumond afirmou que o Arouche era a Castro brasileira, fazendo referência à famosa rua de São Francisco (EUA) pela presença homossexual.

⁸ Drumond e Marcondes travaram confrontos públicos, como no caso de nova tentativa da casa noturna A Lôca, localizada há quase vinte anos na Frei Caneca. Mas, para além de personagens opostos num contexto de disputa socioespacial mais amplo é importante pontuar que ambos são filiados ao Partido Verde e mantêm intenção de se tornarem vereadores ou deputados.

insatisfação pela presença de grande quantidade de jovens na Rua Augusta e outras nos arredores, por conta do barulho, sujeira e “sexo na rua”. Um casal de mulheres foi citado brigando na rua e a conclusão de que tais pessoas não podem ficar em casa por conta de sua sexualidade, por isso se deslocavam para a região.

Já para Xande da APOLGBT, criar uma rua temática gay seria criar um espaço de segregação para os homossexuais, um “gueto”, quando na verdade se necessitava brigar pela aceitação em todos os logradouros da cidade. Xande não está mais à frente da APOLGBT, mas mantém-se como militante. Ainda na época da divulgação dessa matéria a entidade se manifestou em tímido apoio ao projeto.

Durante uma entrevista com Drumond o mesmo descreveu a Frei Caneca como uma rua gay óbvia, era só olhar para quem passava. Questionei como ele tinha chegado a essa conclusão, ao que ele me disse ter pedido para seu assessor contar quantos gays passavam na rua; segundo suas próprias palavras, “se você perguntar para quem passa na rua se a pessoa é gay é claro que ela vai falar que não, mesmo que esteja de saia, que seja um homem usando saia, não vai dizer que é gay. Basta olhar para saber”. Quanto a lésbicas, travestis e pessoas trans* Drumond incluiu na contagem dos gays, incluindo tais pessoas como a maior parte dos moradores da região, cerca de 80% segundo seu ponto de vista.

Por esse exemplo pode-se inferir sobre alguns possíveis entendimentos dos usos de gueto e “gueto gay” junto a interlocutores de campo. Há de se atentar para o fato de que parte das pessoas que frequentavam a região da esquina das ruas Frei Caneca e Peixoto Gomide, local de referência para minha pesquisa de campo devido à ocupação intensa nas noites e aos finais de semana, tais terminologias fizeram sentido por algum tempo. Digo isso porque no início da pesquisa se falava da Frei Caneca e região como “rua gay” ou “gueto gay”, expressões que foram rareando no decorrer da pesquisa. Tal “declínio” temporal em parte se coaduna com o fechamento da sauna e do Casarão Brasil e o esvaziamento do debate sobre a oficialização da Frei Caneca como “rua

gay”, podendo-se pensar em como a questão era pautada e tinha eco junto aos frequentadores dos bares e da rua⁹.

Apesar desse esvaziamento do debate sobre a rua gay não se deve pensar que tal questão esteja resolvida nem em contexto lato e nem no debate teórico. Gueto e “gueto gay” são expressões que aparecem e somem de tempos em tempos, ressonando processos de disputa espacial, significações de segregação e modos de inteligibilidade de apropriações.

Do exposto aqui há ao menos dois sentidos expressos dentre os diversos interlocutores para “gueto gay”: o de um espaço reconhecível como de apropriação e pertença por um determinado grupo, o que traria maior frequência e a sensação de segurança; ou o de um espaço limitado para uso de determinado grupo, o qual não teria autorização para circular em outras partes da cidade. Este último parece ser um sentido mais amplamente compartilhado por boa parte dos interlocutores com os quais conversei e em ambos pode-se pensar que a fácil localização de um determinado grupo de pessoas, como entendido num imaginário mais geral do que sejam os gays (conciso, fechado e unívoco), acaba por vulnerabilizá-los ante atos de violência direcionados¹⁰. O sentido atribuído por Drumond também sugere um espaço de apropriação que não se resume ao passeio e a compras, tendo o poderio de compra como fator importante, mas também à moradia intensiva, o que poderia tornar a Frei Caneca uma nova Castro.

Tanto no caso de um espaço reconhecível de apropriação quanto no caso de um espaço limitado de circulação estão em jogo dois grandes blocos que surgem com frequência embaralhados ou sendo uma mesma forma de explicar realidades bastante diversas: um bloco descritivo e outro

⁹ Em grande parte o site de notícias Mix Brasil operou como potencializador desse debate pela quantidade de matérias produzidas a respeito do tema. Também jornais de grande circulação como a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo deram espaço para o tema.

¹⁰ Houve um aumento de notícias a respeito de agressões na região no período, o que pode ser atribuído em parte pela ciência da presença de gays, em parte pela pressão social a um acompanhamento de atos de violência que já ocorriam em períodos anteriores.

analítico. Não é incomum que textos que abordem espaços de sociabilidade homossexuais os retratem como sendo guetos gays, para não extrapolar demais outros exemplos que tratem de gueto, sem atentar para a falta de precisão do que se está chamando de gueto gay. É um bom descritor? É eficiente? Um bar, uma casa noturna ou outros espaços de encontro seriam guetos por quê exatamente? Há segregação? Há limitação? Que potencialidades e limitações a utilização dessa expressão traz para a análise de contextos e campos específicos? E mais: que problemas o uso dessa terminologia insere sem contribuir para a questão do espaço, da cidade e da segregação?

2. Gueto e “Gueto Gay”: aproximações socioantropológicas

À guisa de uma definição da questão, é notório o uso polissêmico da possível guetização do espaço da Rua Frei Caneca, no meu campo. O termo gueto, no entanto, pode ser localizado historicamente no campo das Ciências Sociais próximo a diversos campos semânticos, conforme vem sendo re-apropriado para descrever contextos e ocupações diversos e tentar analisa-los. Aqui cabe ampliar o debate para uma noção mais ampla do que signifique gueto nessa bibliografia pela influência de alguns escritos e escolas de pensamento nas abordagens posteriores quanto a “gueto gay”.

Pode-se, portanto, observar uma primeira incursão conceitual sobre a ideia de gueto nos estudos da Escola Sociológica de Chicago, principalmente acerca dos agrupamentos de imigrantes judeus na cidade em estudo pioneiro de Louis Wirth (1969 [1928]), “The Ghetto”. Chicago,

¹¹ Aqui “americanas” refletem cidades por todo o continente americano, sem discriminação entre norte ou sul. Beatriz Sarlo (2010), ao comentar a Buenos Aires dos anos de 1910 e 1920 traça paralelos semelhantes ao da imigração europeia nos Estados Unidos.

como outras cidades americanas, recebia um enorme contingente de imigrantes europeus no início do século XX, o que trazia questões importantes sobre moradia e assimilação¹¹. Ao invés de propor uma análise patológica do espaço urbano, gueto, em Wirth, remonta a uma dinâmica social específica, pautada na organização. Este autor, inclusive, retira o termo

dos espaços de segregação forçada de judeus em cidades europeias, o que não ocorreria em Chicago: unidos por uma religião, traços étnicos e língua comum, no caso o ídiche, os judeus emigrados se uniram pela similaridade num determinado local, e não necessariamente pela diferença em relação a outros grupos. O que emerge é uma certa média de identidade judaica que poderia definir cada membro do grupo, ainda que mesmo Robert Park, ao tratar das possibilidades de investigação urbana no contexto de Chicago, trace a questão das vizinhanças e outras regiões da cidade como partes de um mosaico que se tocam, mas não se interpenetram. O gueto em Wirth remete antes à análise de uma realidade específica, a dos judeus poloneses, do que à descrição de uma segregação forçada semelhante ao que esse grupo sofrera outrora.

Mas, como citado acima, gueto passou por diversas transformações de sentido durante o século XX sendo reiteradamente apropriado por grupos negros para definir sua situação de segregação espacial, condição de pobreza e discriminação racial. É possível localizar em Lóic Wacquant (1996; 2001) uma defesa do uso teórico contido e restrito do termo a uma realidade específica, a dos negros norte-americanos, tendo como vetor a questão étnico-racial no contexto pós-fordista de desindustrialização de bairros periféricos e nas lutas raciais das décadas de 50 e 60. Segundo o autor, gueto se refere a um espaço de segregação forçada em regiões de periferia de grandes cidades, nas quais esses grupos teriam baixa oferta de serviços públicos, forçando-os a constituírem instituições paralelas que suprissem suas necessidades, como tráfico de drogas, assaltos e organizações criminais. Além disso, a constituição de um gueto estaria intimamente relacionada com processos de transformação econômica que poriam os estratos negros fora do mercado de trabalho, colocando a questão em termos de uma instância dominante e grupos estigmatizados dominados, ou seja, uma classe que definiria essa situação imposta aos negros.

Um dos importantes alertas de Wacquant está numa certa utilização disseminada e pouco definida do termo, o que o aloca em descrições

de realidades muito diversas entre si, diminuindo a força explicativa do conceito. A ideia de algo exótico e violento costuma acompanhar a noção de gueto, o que, segundo o autor, está mais na construção que o pesquisador faz do que o observado. Ele indica três premissas perniciosas ao se considerar o gueto norte-americano que, se fossem seguidas, evitariam equívocos ao se considerar outras realidades: diluição da noção de gueto; predefinição de uma formação social desorganizada; e tendência a exotizar o gueto (1996, p. 146). Suas incursões etnográficas lhe mostram o contrário e sua ênfase, semelhante à de Wirth, se dá na regularidade social do grupo observado. No entanto, em seus escritos, o que se observa é uma definição do gueto (negro) como algo *sui generis*, de realidade única e precisa apenas naquele grupo, ou seja, com fortes diferenças frente ao que se considera fora do gueto e, de forma geral, estrato dominante; ao tentar precisar o que analiticamente se pode chamar de gueto o autor exclui outras possibilidades do uso do termo de forma analítica, colando o com conceito a uma única realidade.

Wacquant ainda se contrapõe à definição de constituição de guetos, à maneira americana, nos subúrbios franceses. Segundo ele, não apenas a imprensa sensacionalista e o senso comum estariam produzindo essa ideia desprovida de qualquer noção sócio-histórica da formação de um gueto, bem como sociólogos, como Alain Touraine, que lê o subúrbio parisiense como segregação espacial. O antropólogo francês Michel Agier (2009) se contraporá, mais tarde, a esses empecilhos impostos por Wacquant: segundo ele, a globalização seria um processo de mundialização de realidades de segregação. Pensar, portanto, em gueto restrito apenas a realidade dos negros norte-americanos seria uma imprecisão de observação quanto à realidade social contemporânea de fluxos e trocas mundiais.

Peter Marcuse (1997), sociólogo americano, procede a uma tentativa semelhante à de Wacquant quanto a precisar as possibilidades analíticas da noção de gueto, partindo da consideração da desindustrialização de bairros periféricos, o que constituiria enormes grupos de desempregados territorialmente localizáveis. Para ele há uma possibilidade de taxonomia

mais precisa do conceito, incluindo possibilidades de nomeação de outros tipos de segregação no espaço das cidades, como enclaves e cidadelas, quase todos os exemplos referentes a realidades norte-americanas. Gueto poderia ser utilizado apenas em *situações de segregação involuntária seguida de discriminação e relacionada a questões étnico-raciais e de classe social inferior*; enclave seria um termo mais apropriado para separações espaciais concentradas, mas não exclusivas, voluntárias e marcadas por relações culturais e de estilos de vida; já cidadela seria uma definição específica para separações de caráter de fortificação militar, como cidades imperiais. O exemplo para gueto, segundo o autor, se daria na questão dos negros e judeus; para enclave em bairros como Chinatown, em São Francisco, e Soho, em Nova Iorque.

Pode-se proceder a uma aproximação com a ideia de enclave no que se refere a bairros densamente povoados por gays, como o Castro, em São Francisco, Estados Unidos. Martin P. Levine (1998 [1979]), sociólogo americano, é um dos primeiros a se utilizar da ideia de “gueto gay” neste contexto, mas é importante apontar que sua produção é anterior às considerações conceituais acerca da definição precisa de gueto e, portanto, sua perspectiva de análise não é informada pela maior parte das reflexões retracadas acima. Certamente há ecos dos trabalhos de Chicago, visto a tentativa de Levine em precisar as regiões das cidades pesquisadas que seriam guetos gays; ainda assim sua produção mapográfica em parte vai contra suas afirmações quanto à ocupação e especificação de serviços nessas localidades.

Sua perspectiva de análise se centra na ocupação de bairros inteiros em algumas grandes cidades americanas quase exclusivamente por gays, pensando na emergência do termo como identificador médio de populações homossexuais. Segundo o autor, há edifícios inteiros ocupados por esses grupos, além de lojas e outros serviços, o que daria uma face específica a esses espaços. Essa ocupação, inclusive, se dá de maneira voluntária e, diz, como meio de manter proximidade com iguais, trazendo um ambiente de segurança e familiaridade. É possível observar em Levine

tanto tentativas descritivas quanto analíticas no uso de “gueto gay”, já que é tanto um localizador das regiões como ajudaria a entender o porquê dessa concentração voluntária.

Sua proposição é bastante diversa de Wacquant e Marcuse; seus escritos são anteriores também, mas o que é interessante demarcar é uma ideia um tanto disseminada da existência de uma (sub)cultura gay: termos próprios aos homossexuais que o singularizariam perante a sociedade como um todo, para além das práticas sexuais, tais como modos de falar, vestimentas, etc. Tais fatores produziram a concisão necessária para a mútua identificação nessas espacialidades, produzindo, portanto, uma segregação não-forçada¹².

¹² O trabalho de Levine deixa escapar detalhes que problematizam essa concisão, trazidos à tona por Kath Weston. A antropóloga trata criticamente a “Grande Narrativa da Migração Gay” estado-unidense que remete à saída de pessoas identificadas como homossexuais das cidades menores para grandes centros urbanos, lá encontrando o ambiente necessário para a plena vivência de suas sexualidades. Em sua pesquisa surgem diferenciações que dão conta de bares e casas noturnas sem a presença de homens negros ou a realocação de “cidades menores” entre gays que vivem em bairros distantes do Castro, cenário sensivelmente contrário ao descrito por Levine.

No caso de pesquisas empreendidas no contexto brasileiro tais termos foram utilizados com uma série de mediações. Inicialmente pode-se indicar a ausência quase total da utilização do conceito de gueto na Antropologia e Sociologia voltadas às questões urbanas, como aponta Frúgoli Jr. (2005). Comumente as ideias de subúrbio e periferia foram mais acionadas para tentar explicar realidades locais de segregação sócio-espacial, sem se querer indicar fenômenos semelhantes aos dos negros norte-americanos nas grandes cidades brasileiras, salvo em expressões culturais populares na música, artes e literatura.

Já a expressão “gueto gay” foi mais apropriada em textos de fins da década de 70 e início de 80. MacRae (2005 [1983]), por exemplo, considera como “gueto gay” um espaço circunscrito à região central da cidade de São Paulo, relacionado às imediações da sede do grupo Somos, um dos primeiros coletivos de defesa dos direitos homossexuais. Mais precisamente um grupo de bares

e outros locais de encontro público, mas não necessariamente um grupo de ruas. Sua defesa, como um manifesto político, se dava no sentido de atribuir à presença ostensiva e pública de gays em certos horários do dia manifestações de cunho afirmativo, forma de ativismo político. Um vetor de junção deste grupo estaria pautado, portanto, numa identidade sexual definida e fixada e não em outras condições, como questões de classe ou étnicas. Há um pressuposto de junção identitária no espaço por conta da orientação sexual explícita.

Simões & França (2005), ao retomar MacRae, operam de maneira semelhante com a ideia de “gueto gay”, mas aproximando-a ainda mais de um mercado GLS em expansão nos anos 90. Suas considerações recaem principalmente na descrição da constituição de um circuito gay formado por diversos serviços concentrados em algumas regiões da cidade, mas espalhados também por bairros que não são reconhecidos pela presença deste público. O que une essas regiões, formando um circuito, é o reconhecimento pelos seus usuários de um caminho a percorrer para acessá-los, criando, de uma certa forma, espaços identitários cognoscíveis apenas a seus usuários, semelhante à concepção de circuito cunhada por Magnani¹³ (1996). “Gueto gay”, neste caso, segue a ressalva de não se referir a um espaço delimitado muito restrito e nem ao fato de haver necessariamente a residência de gays nessas regiões (eles migrariam para lá em certos momentos, para encontrar amigos aos finais de semana, para dançar, etc) e nem uma segregação forçada. Durante meu campo de pesquisa parte do discurso dos novos empreendimentos imobiliários residenciais na região da Frei Caneca davam conta de um público gay genérico que estaria se mudando para lá, algo difícil de mensurar ainda mais num processo em plena expansão. Para além disso, há trabalhos pouco precisos ao se referirem a “gueto gay”, atribuindo a lugares de sociabilidade tal alcunha.

¹³ Segundo Magnani (1996, 45) a noção de *circuito* “une estabelecimentos, espaços, e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários (...)”.

No entanto há usos interessantes para a expressão, ainda que mais em termos descritivos do que analíticos. Remeto-me aos escritos de Néstor Perlongher (2008 [1987]; 2005 [1991]) que, apesar de ter produzido suas reflexões na década de 80, promove um caminho teórico que mantém seu fôlego, acionando contribuições diversas dos estudos sobre a cidade para construir seu argumento acerca do que poderia ser mais bem entendido como “gueto gay” na cidade de São Paulo. Partindo de seu trabalho de campo sobre a prostituição masculina no Centro, o negócio do michê, Perlongher retoma Levine, já citado, justamente para contrapô-lo, utilizando-se de uma noção mais alargada de “região moral”, expressão conceitual cunhada por Robert E. Park, um dos fundadores da Escola Sociológica de Chicago.

Não sem ressalvas, o “gueto gay” paulistano se assemelha a uma região moral, segundo Perlongher, por ser abrigo de uma miríade de grupos marginalizados socialmente, como gays, prostitutas, travestis, moradores de rua; e até pessoas que realizam atividades ilícitas como o tráfico de drogas, roubos e furtos. Para Perlongher, o foco está no local da margem e não na constituição de um território identitário de pertença e moradia; a presença é situacional. Os sujeitos se constituem na relação com o espaço e com os interlocutores, não existem *a priori*. Um exemplo são os trechos de ruas, muitas vezes alguns quarteirões e não as ruas inteiras, ocupados por um ou outro tipo de michê: mais ou menos masculino, mais ou menos negro, mais ou menos perigoso.

Sua contraposição tanto à noção de gueto como cunhada por Levine quanto à de Wirth se dá justamente porque essas, ao pensar na fixidez de um grupo no espaço (gays, num caso, judeus, no outro), tende a entrever uma definição identitária dos sujeitos, ou seja, deixa passar processos de nomadismo, fluxos e trajetos que problematizam isso. No caso de Levine, a existência de um “gueto gay” passa necessariamente pela insurgência de uma identidade gay assumida e tornada pública, ou seja, fixada socialmente. O padrão que Perlongher vislumbra é outro: o da desterritorialização dos sujeitos de seus pontos de origem (família,

periferias, etc) e da reterritorialização no percurso do “gueto gay” (bares, saunas, pontos de encontro). Não haveria, portanto, uma identidade sócio-sexual fixada de antemão, mas identidades acionadas situacionalmente, dependendo, inclusive, do local em que se está. No caso da prostituição viril, estar numa rua torna o sujeito mais ou menos viril, mais ou menos afeminado; o território concreto e fixo possibilita a criação de identidades, mas não as define. Aqui o simbólico no concreto, sem que isso o torne menos asfáltico.

Partindo, portanto, dessas noções de gueto, Perlongher propõe como conceito analítico a ideia de territorialidade, espaço circunscrito na cidade, mas que não se resume a ele para entendê-lo. Também irá propor a ideia de territórios marginais e territorialidade itinerante, essa última repõe o fluxo, a dinâmica e o movimento nos estudos urbanos; permite observar permanências, mas mantém o olhar alerta para as mudanças. O que se pode considerar é a possibilidade da constituição de um enclave em determinados períodos e regiões, com muitas ressalvas, à maneira da explicação de Marcuse. Mas o ponto chave da conceitualização de Perlongher, pode-se afirmar, é problematizar definições de fixação de processos dinâmicos que se dão no nível dos acionamentos dos sujeitos. Parte da bibliografia que o informa trata justamente da desconstrução de conceituações fechadas de identidades de gênero e sexualidade, entrevendo o quanto tais índices identitários são permeáveis e permeados por contextos diversos. Nesse caso, o que poderia ser afirmado analiticamente, não apenas descritivamente, como “gueto gay”?

3. O que é um “Gueto Gay” Afinal? Pequenos Apontamentos Finais

Durante as primeiras idas a campo no doutorado conversei com alguns jovens frequentadores do Largo do Arouche, espaço citado por Perlongher como parte do “gueto gay” de São Paulo, em especial com um rapaz que se referia a gueto como a região em que ele morava, que também era uma “periferia”. As citações foram exíguas, mas importantes para pensar como no caso de sua fala gueto exprime semelhança com a situação

de distância do centro da cidade, maior pobreza e falta de equipamentos do estado, principalmente pelo acesso precário à cidade pela malha de transporte público. Nesse caso o gueto não é gay, mas segrega.

Poderia parecer que a argumentação até aqui apresentada impede que se utilize da expressão “gueto gay” como forma de descrever um lugar, uma situação ou analisar um determinado contexto. Mas, pelo contrário, o que esse pequeno apanhado bibliográfico aliado à experiência de campo indica é a dificuldade em operar com termos que não dão conta da complexidade da vida social. Isso não é exclusividade de “gueto gay”, ocorre o tempo todo com diversas conceituações. Portanto há de se atentar para como as palavras surgem em textos sem contextos, e dar maior visibilidade aos contextos que informam um texto.

Não me arrisco a afirmar algo mais concreto nos casos internacionais que tratam de concentração de populações homossexualmente identificadas, como o caso de São Francisco tão citado há décadas como exemplo de “gueto gay”, mas no contexto nacional essa expressão dificilmente faria sentido como forma analítica ou descritiva sem mediações. Que cidade no Brasil possui um bairro, ou um conjunto de ruas, que tenha uma concentração de moradia, serviços, associações, bares, restaurantes dentre homossexuais? Arrisco-me: nenhuma. E creio que mesmo para contextos internacionais a definição de regiões como “guetos gays” esconde processos dinâmicos de movimento e significados mais complexos.

Isso, no entanto, não significa que não se possa utilizar a expressão. No caso de minha pesquisa deixar de pensar em “gueto gay” seria leviano pelo simples fato de que a expressão foi acionada com certa frequência por um período de tempo considerável. Ora, se numa entrevista alguém cita um lugar (ou rua, ou bairro) como “gueto gay”, noutra conversa outros acionam a mesma expressão, como deixá-la de lado? Mas, se ela está sendo acionada, o que isso significa, tanto o fato de estar sendo citada como a forma que pretende significar? Ou seja, há algo que pode inflar um discurso sobre a expressão e há o significado que se quer atribuir a

algo que se chama “gueto gay”. Mas essa expressão, no meu caso, ajudou a pensar outras questões que não a segregação, mas a apropriação. O campo, neste e em muitos casos, clareia realidades ainda invisíveis no processo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADERALDO, G. A. Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. Tese de Doutorado, Antropologia Social, USP, 2013.

AGIER, M. The ghetto, the hyperghetto and the fragmentation of the world. *International Journal of Urban and Regional Research*, vol. 33, n. 3, New York, Joint Editors and Blackwell Publishing Ltd, 2009, 854 – 857.

BRANDÃO, M. “Entrevista: Toni Reis e a 1ª Conferência Nacional LGBT”. *G Magazine*, Edição 130, São Paulo, jul./2008, 50-52.

CARRARA, S. & SIMÕES, J. “Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu*, n. 28, Campinas, jan./jun. 2007, 65 – 99.

FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro, Editora Garamond, 2005.

FRÚGOLI JR., H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, vol. 48, n. 1, jan./jun. 2005, 133 – 163.

LEVINE, M. Gay ghetto in Nardi, P. M. & Schneider, B. E. (orgs.). *Social perspectives*. In: *Lesbian and gay studies: a reader*. New York, Routledge, 1998 (1979), 194 – 206.

MACRAE, E. Em defesa do gueto. In: Green, J. & Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora da Unesp, 2005, 291 – 308.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole In: Magnani, J. G. C. & Torres, L. De L. (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996, 12 – 53.

MARCUSE, P. The enclave, the citadel and the ghetto: what has changed in the Post-Fordist U.S. City. *Urban Affairs Review*, Sage PBL. Inc., vol. 33, n. 2, nov./1997, 228 – 264.

PERLONGHER, N. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo, Perseu Abramo, (2008 [1987]).

PRONSATO, B. Rua Frei Caneca: ser ou não ser gay. RRAURL, 13/08/2008, disponível em http://rraurl.uol.com.br/cena/5574/Rua_Frei_Caneca_ser_ou_nao_ser_gay.

SARLO, B. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1929 e 1930*. São Paulo, Cosac & Naify, 2010.

SIMÕES, J. & FRANÇA, I. L. Do gueto ao mercado. In: Green, J. & Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo, Editora da Unesp, 2005, 309 – 336.

WACQUANT, L. Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano. *Mana*, vol. 2, n.2, Rio de Janeiro, out./1996, 145 – 162.

WACQUANT, L. *Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro, Revan/Fase, 2001.

WACQUANT, L. O que é um gueto? Construindo um conceito sociológico. *Rev. Sociol. Pol.*, Curitiba, 23, 155 – 164, nov. 2004.

WIRTH, L. The ghetto in *On cities and social life*, Selected Papers, Chicago, Chicago Press, 1969 (1928).